

"A INVEJA DOS HOMENS QUE ODEIAM A VIRTUDE E NOBREZA DE OUTROS":  
AUTORIDADE E VERDADE EM "DE INSULIS", DE DOMENICO SILVESTRI (C. 1395)

FERNANDO PONZI FERRARI\*

As ilhas figuram na literatura ocidental como um dos principais cenários para eventos grandiloquentes e maravilhosas. Locais como Ogígia (onde Calipso reteve Odisseu por sete anos), Atlântida e as Ilhas Afortunadas são alguns exemplos da multiplicidade de lugares povoados desta forma pela imaginação, manifestações de uma temática que chegou a compor todo um estilo literário na Irlanda do alto medievo sobre as aventuras de santos desbravadores de arquipélagos conhecido por *immrama* (derivado de *immram*, “entre remadas”; VAN DUZE, 2006: 144).

Estas composições irlandesas não foram os únicos textos medievais devotados à descrição de ilhas, seus habitantes e dos feitos lá ocorridos. Como um tópico comum às diferentes culturas que resultaram na latinidade, o Ocidente demonstrou grande fertilidade na sobreposição de locais e significados destes territórios. Como cenários comumente associados às margens da *oikumene* (o “mundo conhecido”), estes locais abrigavam seres e sociedades não completamente integralizadas à noção puramente cristã da *orbis terrarum* como relatados por Isidoro de Sevilha, Honório de Autun, Rabanus Maurus, Hugo de São Vítor, Alberto Magno e vários outros<sup>1</sup>.

Desta forma, grande parte das autoridades da latinidade que empreenderam algum esforço espacial-descritivo trataram deste tópico. Como objeto de elucubrações metafísicas, entretenimento ou alvo de ambições comerciais, este vasto material produzido sobre as ilhas era especialmente interessante para principais atores políticos e mercantis da península italiana do fim do medievo. Para poder “digerir” tamanha quantidade de informação, era costumeiro que estes sujeitos patrocinassem “pessoas das letras”, que traduziam,

---

\* Licenciado e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CAPES.

<sup>1</sup> Para uma exposição detalhada sobre as ilhas na visão do *mundus* em diferentes autores do medievo, veja MEDINA, 2000: xxvii-xxxvii.

simplificavam e compilavam grandes volumes em obras mais agradáveis à leitura. Por traduzirem textos escritos originalmente em latim para o vernáculo neste processo, estes compiladores eram conhecidos como *volgarizzatoris*.

Ainda que obras de vulgarização existissem durante toda a Idade Média, grande parte dos escritos do tipo foram elaborados durante os séculos XIV e XV. Tal multiplicação teve pode ser explicada pela atuação de “profissionais do saber” advindos de fora dos ambientes clericais e nobiliárquicos. Como Jacques Verger destaca (1997: 237-244), os casamentos entre filhos de burgueses letrados com aristocratas e o decréscimo da participação destes últimos nos meios universitários abertos à comunidade laica demonstram a permeabilidade das elites medievais às classes médias, que passaram a desfrutar de meios de ascensão econômica e social assumindo o papel de escritores, juristas e burocratas<sup>2</sup>.

Medina estabelece que Isidoro de Sevilha teve um profundo impacto sobre as descrições de ilhas na literatura ocidental não apenas pela relevância que dá ao assunto, ou mesmo pelos conteúdos que agremia e cria ao compor suas representações, mas especialmente pela questão formal destes escritos, baseada em cinco eixos:

- 1 - Definição de um capítulo específico para a descrição de ilhas;
- 2 - O título “De insulis”, seguido da especificidade regional quando necessário;
- 3 - Ordenamento tópico-espacial das localidades descritas: Atlântico Norte, Atlântico Africano, Oceano Índico, Mediterrâneo e Baleares
- 4 - Descrição exaustiva destas terras na ordem: situação, tamanho, lendas ou mitos, origem do nome, qualidades naturais, habitantes, riquezas animais, riquezas minerais e riquezas vegetais;

---

<sup>2</sup> A especificidade técnica e os meandros jurídico-administrativos que estes “profissionais do saber” desenvolvem criam um ciclo que permite uma centralização do aparato governamental ao mesmo tempo que aprofunda a dependência deste à esta burocracia. Clivando um nicho que educa, racionaliza e conduz os detentores do poder político, estes “homens das letras” vão se tornando cada vez mais “homens do poder”, em seu sentido delegado (arautos, alcaides, etc.) como pessoal (remuneração, privilégios, etc.). Nas palavras de Bourdieu: “O verdadeiro princípio da magia dos enunciados performativos reside no mistério do ministério, isto é, na delegação ao cabo da qual um agente singular (rei, sacerdote, porta-voz) recebe o mandato para falar e agir em nome do grupo, assim constituído nele e por ele; tal princípio encontra-se, mais precisamente, nas condições sociais da instituição do ministério que constitui o mandatário legítimo como sendo capaz de agir através das palavras sobre o mundo social pelo fato de instituí-lo enquanto médium entre o grupo e ele mesmo; isso ocorre, entre outras coisas, ao municiá-lo com signos e insígnias destinados a lembrar o fato de que ele não age em seu nome pessoal e de sua autoridade” (BOURDIEU, 1996: 63).

5 - *Importância ao número exato de ilhas no mundo ou em uma dada localidade.* (MEDINA, 2000: xxix)

Ainda considerados inovadores por sua prosa vernácula, os vulgarizadores florentinos eram especialmente atentos às questões formais de seus textos<sup>3</sup>. Este recurso permitia não apenas uma exposição mais didática das ideias propostas, como coincide com o pareamento de seu escrito às obras já estabelecidas entre os círculos intelectuais e reforçam a credibilidade de sua redação através de uma aparência de precisão nas informações expostas (FERRARI, 2014: 85-121).

#### *O político que desejava escrever como Boccaccio*

É neste contexto que viva o autor da obra que analisaremos. Domenico Silvestri (c. 1335-1411) foi um dos *litterati* que orbitavam os círculos de poder de Florença, um exemplo de como uma pessoa de origem humilde poderia ascender socialmente graças ao seu domínio das artes literárias. Foi notário desta cidade, e sendo eleito *consigliere*, *console*, *sindaco*, e *camarlingo* duas vezes no distrito de Santo Spirito<sup>4</sup>. Sua ascensão política demonstra a força dos letrados “humanistas” florentino - como a figura de Niccolo Machiavelli demonstrará no século seguinte.

Domenico iniciou a composição de seu *De insulis et earum proprietatibus* (MEDINA, 2000) no quinquênio final do século XIV, no lastro do sucesso obtido por Boccaccio em *De*

---

<sup>3</sup> Podemos arriscar aqui uma conexão entre o processo de estabelecimento e burocratização do aparato governamental, marcado justamente pela entrada destes mesmos *litterati* nos altos escalões administrativos, com a rigidez formal. Entretanto, não devemos delegar à estas pessoas o gosto pelo formalismo. Acima de tudo, sociedade medieval é uma sociedade que busca o retorno à divindade através da ordem perfeita (FERRARI, 2014: 119-122 e: 155-160). A ligação reside mais no aspecto estético e retórico que esse formalismo assume que em um ordenamento do discurso.

<sup>4</sup> Para uma explicação mais detalhada da educação, cargos e círculos em que Silvestri operava, veja VAN HALEN, WARD, 2013: 105.

*montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus, et de diversis nominibus maris* (Ms. BnF, NAL 133), obra que procurava harmonizar as *oekumene* gregas e *imago mundi* estabelecidas com referências contemporâneas. Silvestri acabou não tendo tanta repercussão em grande parte por sua tentativa de copiar seu influenciador, gerando uma redação por vezes confusa e pedante; e também por ter sido relegado a uma posição secundária dentre os autores do gênero pela circulação das primeiras “traduções” do *Geographia* de Ptolomeu, que, poucos anos após o lançamento do *De insula*, oferecia uma acomodação entre diferentes visões de mundo com prosa mais fluida e refinada, além de apresentar mapas e imagens para amparar os leitores leigos e de contar com a “autoria” de um “sábio do Oriente”<sup>5</sup>.

Na introdução do *De insuli*, Silvestri mantém a tradição comum aos *volgarizzatoris* de iniciar uma obra em tom de humildade, ao mesmo tempo que oferece a obra como um instrumento tanto para o ócio como para os negócios<sup>6</sup>. Ao longo do texto, é notável que o florentino deixa de cumprir sua promessa de manter uma redação em “palavras simples e populares”. Lembrando uma passagem de Roger Bacon, seu comentário inicial também destaca a necessidade de “preencher os vazios” do espaço, suprimindo uma corporeidade imaginável para terras pouco conhecidas<sup>7</sup>.

#### “A inveja dos homens”: Autoria, autoridade e a retórica da desconfiança

---

<sup>5</sup> Utilizamos os termos “tradução” e “autoria” aqui entre aspas pela forma que Jacobus Angelus desenvolveu o livro, inserindo elementos próprios adaptados cânone ocidental (como dados de relatos de viagens e obras posteriores à redação original de Ptolomeu), bem como por seu esforço em aprimorar o sistema de referências geométricas-espaciais da obra original. O'DOHERTY, 2006: 175-223.

<sup>6</sup> “Quapropter, ut sicut montes fontesque stagna et paludes diversis autorum libris sparsa in unum ad usum legentium colliguntur, ita de insulis, quantum capere ruditas mea posset, quedam in eis gesta, quedam visu creditu que mira quove mari locoque sint posita, popularibus et usitatis verbis et non quieti otioque pallentibus, sed negotiis convenientibus transcripturus”. *De insulis*, folio 6v. Todas as referências ao texto serão aqui anotadas como *De insulis*, sendo registradas segundo a transcrição do manuscrito original segundo MEDINA, 2000.

<sup>7</sup> BOULOUX 2002: 217-223.

Mantendo sua introdução como uma “carta de intenções”, Silvestri procura deixar claro no início do texto o processo de “filtragem” das informações que considera exageradas ou inverídicas. Portanto, não é estranho que denuncie o franciscano Odorico de Pordenone como falacioso pela imprecisão do número exato das ilhas sob o domínio mongol no mesmo momento que expõe seu método de coleta de informações:

*Dizem-nos cinco mil ilhas sob o domínio dos tártaros, se acreditarmos em Odorico. Ele descreveu algumas destas, mas não devia misturar fábulas e histórias de autores antigos com novas, que ainda não foram testadas em nosso tempo, não fazendo nada senão minar nossa confiança na verdade com falsidades. E, ainda que o que Odorico escreveu seja verossímil, seria prudente tomar como guia e imitar aquilo que escrevem os autores cuja antiguidade e autoridade inspiram mais confiança, ou encontrar um testemunho em voz viva, e meditar sobre este contraste. Pois sabemos quão grande é a inveja de homens que odeiam a virtude e nobreza de outros. Não o teria inserido aqui neste livro, assim como com Marco Polo, sem [compará-los] com prudência com Dionísio, conhecido por Iohannis Nigrus, que havia escutado ao mesmo tempo de Fantino, soldado veneziano e homem valoroso, que assegurou que nas Índias há muito do que disseram. Em todo caso, muito do que Marco Polo escreveu não está em desacordo com o que dizem muitos autores ilustres (...)<sup>8</sup>.*

Esta condenação de Silvestri atua em diversos fronts. Primeiro, indica a falsidade do testemunho do franciscano por contradizer as fontes estabelecidas. Ainda que as diferentes obras da Antiguidade e sumidades eclesiásticas entrem em contradição entre si, uma eventual

---

<sup>8</sup> Tradução livre de: “Quinque milia insulisrum sub regimine Tartarorum regis fore dicitur, Odorigo referenti si credimus. Quarum aliquas posuissent nisi quod inter veterum autorum historias et fabulas miscere novorum, nec multum nostris temporibus probatorum, nil aliud esset quam mendaciis veritati fidem minuere et quamquam vera essent que Odorigus scribit tamen sequi mens est illosque imitari quorum fidem antiquitas et autoritas magis capit, vel que testimonio vive vocis comperio, vel que verisimiliter faciant coniecturam. Scimus enim quanta sit invidia, et quantum hominum industria virtusque presentium sit in odio nobilitatis quorundam. Quedam tamen que narrat Marcus Polus, in hoc opusculo nequaquam inseruissem, nisi prudentissimus vir Dionisius, Iohannis Nigrus appellatus, Fantinum venetum militem strenuum virum una mecum audisset asserentem se in India ex his multa vidisse. Et quasi omnia que scribit Marcus Polus in multis a claribus autoribus non discordans”. *De insulis*, folio 6v.

incoerência ainda pode ser explicada por meio de alegorias; questioná-los é questionar as bases da sociedade e da Igreja<sup>9</sup>.

Notemos também como Silvestri em um só tempo expõe a motivação das tentativas de engodo por parte de falsos relatos e sublinha a antítese entre Odorico e as autoridades sedimentadas: “Pois sabemos quão grande é a inveja de homens que odeiam a virtude e nobreza de outros”. Ao taxar o franciscano de invejoso<sup>10</sup>, o florentino se coloca ao lado dos virtuosos e nobres, um artifício retórico que cria uma dicotomia que separa justos e injustos – julgamento operado pelo próprio autor, que condena para exaltar a si próprio.

Mais impressionante é a clareza com que Domenico Silvestri expõe neste parágrafo o contraste entre a *novitas* e a *autoritas* entre os medievais. A noção de *veritas* é um enquadramento entre autoridade sedimentada, testemunho e verossimilhança, nesta ordem. O florentino não nega diretamente o relato de Odorico, mas sugere cautela com aquilo que ainda não foi “testado” – e, mesmo se for comprovado por um relato “ao vivo”, ainda devemos meditar (e mediar) sobre aquilo que já é aceito como verdade.

Coloca seu próprio caso como exemplo a ser seguido no resguardo ao se valer de dados inéditos: não teria colocado estes “novatos” no livro se uma terceira parte não tivesse confirmado estas informações; ainda assim, só inseriu aquilo que não contradizia com as autoridades, sem confirmar os viajantes diretamente. Se crer nestas narrativas sobre o Oriente incorrer em erro, esta falha seria de responsabilidade do leitor, pois o autor acautelou-os dos perigos de contrariar os saberes estabelecidos.

---

<sup>9</sup> Os vulgarizadores e juristas do Norte da Península Itálica durante os séculos XIV e XV que tivemos acesso possuem grande apreço não apenas aos textos da Antiguidade, mas às obras fundacionais da Igreja e de diversos membros do clero, inclusive àquelas de caráter doutrinário e/ou teológico. Portanto, evitamos utilizar o termo “humanistas” para identificar os componentes destes grupos ao longo do presente texto.

<sup>10</sup> É no mínimo curioso que Silvestri eleja a inveja como motivador das iniciativas intelectuais falaciosas e simultaneamente admita logo na primeira frase de seu livro que sua redação foi motivada pela obra de Boccaccio - ainda o criticap. quando exalta o poeta, mas propõe que sua obra é incompleta por não descrever as ilhas. *De insulis*, fol. 6r.

“*Contrabandeando*” os viajantes para a narrativa.

A inserção de Marco Polo pode ser explicada por uma maior reprodução da “matéria do Oriente”<sup>11</sup> que Odorico. Entretanto, ao colocar seus princípios de fidelidade e confiabilidade em prática, modifica os escritos de Polo para que se tornem mais adequados aos escritos das autoridades. Na passagem em que descreve a ilha de Pentalyne, Silvestri discorre sobre a tribo dos “Astami” - seres sem boca que se alimentam apenas do cheiro das maçãs que Isidoro detalha nas *Etimologias*. A relação entre este povo mítico com a ilha indonésia descrita pelo viajante veneziano é uma elaboração do vulgarizador. Para tentar inibir eventuais acusações futuras (especialmente no momento que escreve, quando o *Milion*<sup>12</sup> se fazia mais popular em sua região) Domenico afirma não saber se tais seres realmente são desta ilha como forma de se isentar e eventualmente desviar a culpa para o relato do mercador<sup>13</sup>.

Se o florentino não cumpre igualmente com sua proposta de manter uma escrita simples e acessível, o mesmo não pode ser dito de sua tentativa de emular Boccaccio. Para manter a ideia de continuação do *De Montibus* (e conseqüentemente com a tradição iniciada por Isidoro de Sevilha), a descrição das ilhas é desenvolvida em ordem alfabética. Nathalie Bouloux acredita que esta organização propõe seu uso como referência para estudos universitários e/ou

---

<sup>11</sup> Ou seja, toda a “mística” que a tradição latina desenvolveu sobre o Oriente, desde Alexandre Magno até Preste João. Para um apanhado sobre o tema, veja O'DOHERTY 2006: 14-44.

<sup>12</sup> Optamos aqui pelo uso da fonte em sua tradução pelo dominicano Francesco Pipino, que converteu o original franco-italiano (*Le Livre de Marco Polo, citoyen de Venise, conseiller prive et commissaire imperial de Khoubilai-Khaan*, ditado pelo viajante a Rustichello de Pisa) para o latim, dado que esta versão possui os mesmos topônimos empregados por Silvestri (com algumas exceções explicitadas em notas), o que nos indica que a preferência do florentino pela versão latina do dominicano Esta versão será referida doravante pelo mesmo título empregado por Pipino: “Milion”. PRASEK, 1902.

<sup>13</sup> “Pentayn insula in Indico mari sita versus meridiem dicit Marcus venetus a continenti quingentorum miliariorum intervallo distare. Hec satis silvestris est regio, arborum nemora sunt ibi distillante ex his odore mire suavitatis ut forte solo odore vivunt. Narrat Ysidorus in India prope fontem Gangis gentem esse qui solo odore cuiusdam pomi vivunt, qui si longius eunt pomum secum ferunt, moriuntur enim si pravum odorem inveniunt. Si ex hac insula essent ignoro. Inter hanc et Laohe, de qua supra, per miliaria sexaginta altitudo maris non amplius quattuor passuum reperitur, unde temonis ope uti nequient in navigando.” Idem, fol. 110r. O'Doherty detalha com maior atenção as inserções do relato de Marco Polo no livro de Silvestri, demonstrando como o florentino usa o *Milion* para preencher os “vazios” de sua redação sem dar crédito ao veneziano, e, de forma inversa, insere observações próprias que credita ao viajante. Um exemplo claro desta dinâmica pode ser encontrado quando o livro define Seylna/Selanche (Sri Lanka) como pertencente à “Índia Superior”, introduzindo elementos que fogem da espacialidade delineada por Polo. O'DOHERTY, 2006: 186.

escolásticos, ao mesmo tempo que minimiza os vazios e sobreposições de uma imagem de mundo contraditória, tanto em sua organização espacial quanto pelo uso de fontes conflitantes<sup>14</sup>.

Mas Silvestri não pretende contar apenas com os intelectuais entre seus leitores; seu caráter como obra também voltada ao entretenimento e ressaltado na preferência das descrições grandiloquentes e/ou maravilhosas. Nestas instâncias, o florentino faz uso das fontes clássicas e dos viajantes para tornar o espanto mais ressaltado. Ao detalhar Agaman, quando descreve os cinocéfalos que habitam esta ilha:

“Acaso Isidoro em seu ‘A Imagem do Mundo’ não conta também que na Índia se encontra o povo dos cenofalos [cinocéfalos], que têm as cabeças de cães e as unhas retorcidas, [e] cuja voz parece um latido de cachorro? E se cremos nele, por que não no Marco, o veneziano?”<sup>15</sup>

Desta forma, Silvestri também procura se isentar caso algum leitor mais crítico use suas palavras contra ele: quaisquer indefinições ou falhas residem nos autores clássicos, qualquer crítica à sua obra em última análise é uma crítica à eles, o que perturbaria as estruturas dos saberes estabelecidos. Assim, ele passa a delegar toda e qualquer falha que possa ser encontrada no livro para outros: seus leitores, os viajantes ou mesmo os clássicos. Projeta em si uma posição “neutra” e “acautelada”, como se estivesse cumprindo uma função meramente de agregador de conhecimentos, enquanto “contrabandeia” seus julgamentos através de comentários dúbios, conduções na leitura/interpretação do *De insulis* e pela seleção dos dados incluídos em seu escrito.

---

<sup>14</sup> BOULOUX, 2002: 217-223. O’Doherty analisa a inserção das informações de Polo no livro de Silvestri, destacando o exemplo destes “vazios encobertos” a utilização do relato do veneziano para indicar a Seylna/Selanche (Sri Lanka) como pertencente à “Índia Superior”, mesmo quando nenhuma outra denominação ou separação das várias Índias aparecem no *Milion*. O’DOHERTY, 2006: 186.

<sup>15</sup> Tradução livre de: “Num etiam Isidorus De ymage mundi prodit in India gentem Cenofalorum esse, habentem capita canina et ungues uncus quorum vox latratus canum est, et cui si credimus, cur Marco veneto non credemus?”. *De insulis*, folio 11r.

Dentro deste quadro de interesses, a inserção dos relatos de viagens recentes ao Extremo Oriente servem à Silvestri de três formas: demonstração do domínio do autor das informações mais recentes sobre o tópico explorado, exemplo negativo/contraste que ampara o argumento de sua nobreza intelectual e fidelidade para com a verdade, e figura sobre qual podem recair quaisquer falhas e contradições encontradas em sua descrição das ilhas do *mundus*. Artifícios retóricos à parte, é possível encontrar no *De insulis* diversas infiltrações destes relatos que Domenico diz desconfiar: além de Odorico e Polo, existem trechos de Pian Carpine e Guillerme de Rubruck (ainda que de forma mais escamoteada, conforme MEDINA 2000: xxix-xxx).

Concluindo, montamos abaixo um quadro que compara as redações sobre a ilha de Java presentes no *De insula* com o *Milion* de Polo e o *Relatio* de Odorico de Pordenone. Ainda que Silvestri aponte a autoria das informações de Polo com maior frequência, é clara a utilização de um jogo de palavras que torna a autoria (e autoridade) destas informações que se apresentam – ou seja, o “contrabando” de ideias que o florentino apressa-se em condenar abertamente, mas que utiliza para amplificar o caráter chocante dos territórios descritos. Notemos também o uso de autoridades da Antiguidade e da Igreja para questionar as informações e (mais comumente) destacar o estranhamento destes territórios do *finisterra*. Para conquistar a confiança e cativar o leitor, a *bricolage* que o autor se vale chega a fundir materiais que descrevem outros locais não se conectam à ilha<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Por uma questão de espaço, não foi possível inserir o original em latim destas passagens. Entretanto, para facilitar o acesso de pesquisadores que se interessem por estas fontes, inserimos na bibliografia os endereços eletrônicos onde estas fontes podem ser encontradas integralmente.

Domenico Silvestri	Marco Polo	Odorico de Pordenone <sup>17</sup>
<p><sup>18</sup>Iava é uma ilha na Índia com muita diversidade, de acordo com o testemunho de Marco Polo, ocupando [duas mil] milhas de circunferência, é separada da ilha Pentain por [cem] milhas. Ela é rica em todos os tipos de especiarias, mas principalmente em cravos, pimenta, especiarias, <i>galanga</i>, <b>noz-moscada</b>, e <i>cubebs</i> [pimenta-de-java]. Seus habitantes não têm conhecimento de outra língua e quase todos são idólatras.</p> <p>Estende-se para o sul de tal forma que a Estrela do Norte nunca se torna visível, e nunca se enxerga o Plêiades<sup>19</sup>, [dificultando] a navegação [pela] falta [d]as estrelas.</p> <p>Esta ilha é dividida em muitos</p>	<p><sup>22</sup>Saindo da província de Ciamba e navegado pelo sul e sudeste por mil e quinhentas milhas você chegará à ilha de Grande Iava, cujo circuito ocupa cerca de três mil milhas. Esta ilha possui um único rei, e não deve tributo a ninguém. Nela há pimentas, noz-moscada, especiarias, <i>galange</i> [junça<sup>23</sup>], <i>garioforum</i> [nardo<sup>24</sup>] e todo tipo de aromáticos. Muitos mercadores lá aportam, e deste comércio retiram vasto lucro. Todos seus habitantes são idólatras</p> <p><sup>25</sup>Ao deixar a ilha de Pentayn e navegar por cem milhas, você chegará à ilha de Iana Menor, que mede duzentas milhas. Ela possui oito reis que estão submetidos a um só rei. E possui sua própria língua. Os habitantes desta ilha são adoradores de ídolos. (...) Esta região está tão longe do polo</p>	<p><sup>35</sup>No reino vizinho a este existe a grande ilha Jaua, que compreende bem cerca de três mil milhas. (...) Esta ilha é muito bem habitada. É a melhor ilha que existe. Nesta ilha nasce acânfora, a <i>cubeba</i> [pimenta-de-java], a <i>melegeta</i><sup>36</sup>, a <b>noz-moscada</b> e muitas outras espécies preciosas. Ela possui um grande número de víveres, exceto o vinho.</p> <p><sup>37</sup>O rei desta ilha é senhor de sete reis coroados.</p>

<sup>17</sup> Mantivemos a estrutura de capítulos presente *Relatio* de Odorico conforme a edição de YULE, CORDIER, 1913-1914. Marcaremos em negrito as informações que acreditamos que Silvestri retirou unicamente de Odorico. As referências de Polo são numerosas demais para assinalarmos, mas as colunas foram formatadas para acompanharmos os tópicos dos textos de forma conjunta.

<sup>18</sup> *De insulis*, fol. 70f-71v. A separação das linhas do texto de Silvestri foram modificações nossas, para melhor acompanharmos a paridade entre seu escrito com o de Polo e de Odorico. Ao contrário dos dois viajantes, que dividem sua descrição em mais de um capítulo e mesmo em mais de um local, o texto do *De insulis* foi reproduzido integralmente, de um único capítulo (cap. 413).

<sup>19</sup> Estrelas da constelação de Touro.

<sup>22</sup> *Milion, De Iava Maior*: 159.

<sup>23</sup> *Cyperus rotundus*, também conhecida como tiririca. Trata-se de um tubérculo aromático que converteu-se em uma praga atualmente, afetando especialmente o território brasileiro.

<sup>24</sup> *Nardostachys jatamansi*, planta do qual se extrai um unguento aromático. É citada na Bíblia (João, 12:3; Mateus 26:7; Marcos 14:3) como o unguento precioso que Jesus unta os pés do leproso. Sua flor também figura no brasão da Santa Sé.

<sup>25</sup> *Milion, De Iava Minor*: 161-162.

<p>reinos, o veneziano assegura que existam seis, os quais chamam por esses nomes: Ferloch, ou Basman Desman, Samara, Dragoyam, Lambri e Franufur.</p> <p>Os habitantes do reino de Ferlech praticam a lei de Maomé por causa da multidão de Sarracenos com quem fazem comércio. Os povos de montanha vivem à maneira dos animais e adoram o dia como seu deus, e se prostram ao primeiro [sol da] manhã. Eles comem a carne de todos os animais, e não se privam [nem] da [carne] humana, e são da mesma forma que o povo de canibais que atestou Plínio em sua <i>De naturali historia</i>, Livro VI.</p> <p>No reino de Bas[man] ou Desman também vivem como brutos, alegam não ter rei, mas estão sujeitos ao imperador dos tártaros, para quem enviaram um tributo anual. Neste reino há muitos elefantes e muitíssimos unicórnios, mas eles são muito diferentes do que dizem: na verdade, têm pernas como as de elefante, pelos de búfalo, possuem cabeça de javali</p>	<p>ártico que não se pode ver a Estrela, como é conhecida a Tramontana<sup>26</sup>. E eu Marco estive em seis dos reinos desta ilha, que são Ferlech, Basman, Samara, Dragoiam, Lambri e Fanfur; nos outros dois não fui.</p> <p><sup>27</sup>Os sarracenos negociam grandemente com o povo de Ferlech que mora na costa, e eles adotaram a abominável lei de Maomé. Os habitantes das colinas não possuem lei, e vivem como as bestas; quando o sol nasce, o adoram como a um deus. Comem a carne de todos os animais, dos mundanos aos imundos, e também comem carne humana.</p> <p><sup>28</sup>O reino de Basman possui língua própria, não possuem leis, os homens são muito bestiais, se dizem vassalos do grande khan, mas não o prestam tributo, mas às vezes o mandam uma joia ou produtos silvestres. Aqui existem muitos unicórnios, que possuem a pele de búfalo, e seus pés são semelhantes aos de elefantes. Eles têm a cabeça como a de</p>	<p><sup>38</sup>É uma gente pestilenta e má; este povo come carne humana como nós comemos carne de gado.</p> <p><sup>39</sup>O grande khan do Cathaii muitas vezes tentou guerrear com este povo, mas foi sempre vencido.</p>
--	---	---

<sup>35</sup>*Relatio*, cap. 21, *De optima insula Jaua*.

<sup>36</sup> Todas as edições consultadas traduzem trazem esta grafia, *melegetæ*, que traduzem em notas por “cardamomo”. Entretanto, outros textos medievais se referem ao cardamomo pelos nomes latinos *amomum/amomii* ou *cardamomi*. Certamente o termo *melegetæ* nos conduz à uma associação com a pimenta *malagueta*; mas, dado que esta pimenta é nativa do Brasil, dificilmente Odorico estaria se referindo à esta especiaria. Uma alternativa seria a *melegueta* (raiz aromática da mesma família do gengibre, não uma espécie de pimenta), ainda que também seja remota, uma vez que a planta é original da África Ocidental. Portanto, optamos por manter a tradução do termo em aberto.

<sup>37</sup>*Relatio*, cap. 21.

<sup>26</sup> A estrela polar, que indica o Norte.

<sup>27</sup>*Milion*, *De Regno Ferlech*: 161.

<sup>28</sup>*Milion*, *De Regno Basman*: 199.

<sup>38</sup>*Relatio*, cap. 20, *De contrata Lamori*.

<sup>39</sup>*Relatio*, cap. 21, *De optima insula Jaua*.

<p>inclinada para o chão, na testa um único chifre preto, descansam [habitam] [em] lugares pantanosos, causam danos a outros animais e aos homens com uma língua cheia de espinhos grandes e grossos; lá também habitam outros <i>astures</i> negros<sup>20</sup> muito ferozes. Narra Isidoro em seu <i>De ymagine mundi</i> que lá existem monocerontes com corpo de cavalo, cabeça de veado, pernas de elefante, rabo de porco, armado com um único chifre de quatro pés de comprimento, maravilhosamente brilhante no meio da testa; estes são muito ferozes, e brandem rugidos assustadores, seu chifre consegue transpassar tudo e, quando capturados, podem apenas ser mortos, pois é impossível domá-los. Este reino também possui muitos macacos, alguns dos quais são pequenos, têm rosto muito semelhante ao humano e não têm cabelo, exceto na barba, axilas e virilha. Uma vez mortos, são colocados em pequenas caixas e untados com especiarias para que não apodreçam e sequem, e então são vendidos para comerciantes, que retornam para suas terras e os exibem como milagres, dizendo que neste lugar existem homenzinhos.</p> <p>O reino de Samara possui habitantes silvestres, também é em direção ao sul e nele não se vê a <i>Ortophilacem</i> [estrela polar]. Estes homens vivem como brutos, adoram ídolos,</p>	<p>um javali, que está sempre pendendo para o chão. Chafurdam na lama, e no meio de sua cabeça há um único chifre, grande e negro, e possuem uma língua repleta de espinhos, com a qual ferem animais e homens. Neste reino também existem macacos pequenos com o rosto semelhante ao dos homens, e seus membros também são muito parecidos com os nossos. Caçadores os capturam e arrancam seus pelos, menos na barba e nos cabelos, de modo que fiquem semelhantes a um homem. E então, os colocam em fórmulas mortuárias, para que não apodreçam ou murchem, e os despacham para mercadores. Os comerciantes os vendem em diversas partes do mundo, onde acreditam que são homens. Neste reino também existem muitas aves negras, semelhantes a corvos, que são excelentes para a caça.</p> <p><sup>29</sup> Depois do Reino de Basman está o reino de Samara, na mesma ilha. Neste reino o Mestre Marco e seus companheiros ficaram detidos por cinco meses, pois não havia clima ameno para navegar ou barcos que os levassem. Neste reino a maior parte de seus habitantes é bestial, e temendo seus companheiros tinham medo deles, pois eles comem carne humana. O local está</p>	<p><sup>40</sup>Saindo desta região em direção ao Mar Oceano, cheguei após quinze dias a uma região chamada Lamori, onde a terra me tirou a visão da Tramontana. (...) Perto deste território este outro chamado Patem, o que outros chamam de Talamasim. O rei desta região subjugou muitas ilhas. Aqui encontramos árvores que produzem farinha, e outras que produzem mel, e outras que fazem um veneno que é o mais mortal do mundo. (...) Fazem farinha das árvores citadas da seguinte forma: estas plantas são grossas, mas não muito altas, são cortadas com um machado na haste na altura de</p>
--	---	---

<sup>20</sup>O falcão malaio, apreciado como ave de falcoaria.

<sup>29</sup>Milion, *De regnum Samara*: 162.

<sup>40</sup>Relatio, cap. 20, *De contrata Lamori*.

<p>fazem pão de arroz, pois lhes falta o trigo, comem todos os tipos de carne, e garantem que a humana é muito saborosa, como confirma Isidoro em seu <i>De ymagine mundi</i>. Eles bebem o suco de uma árvore; possuem pequenas árvores semelhantes a palmeiras, que, ao receber alguns cortes, faz fluir um líquido licoroso e doce, sendo então coletados em um recipiente, como nós mesmos recolhemos a água das vinhas que plantamos, e o guardam por um ano. Eles não têm vinho [como o nosso]. Para produzir uma maior quantidade deste licor, regam o a raiz destas árvores, mas isto torna esta seiva menos saborosa. Eles têm muitos peixes excelentes e muitas nozes das Índias.</p> <p>No próprio reino do rei de Drangoiam, as pessoas são selvagens e os idólatras, têm uma língua estranha, e cumprem um rito, abominável e horrível de dizer, que aplicam em seus enfermos e mortos <b>pelo que acredito ser influência de demônios</b>. Se</p>	<p>muito afastado da Estrela Ártica, vulgarmente conhecida por Tramontana, e nele também não conseguimos ver as estrelas da Ursa Maior, que o povo chama de Grande Carro. Os habitantes são idólatras de comportamento muito brutal, e possuem ótimos peixes em grande quantidade. Eles não possuem trigo, mas vivem do arroz<sup>30</sup>. Não possuem vinhas, mas fazem vinho da seguinte forma. Possuem pequenas árvores, semelhantes a palmeiras, mas a maioria possui um só ramo. Em uma determinada época do ano, fazem talhos seus ramos de forma que a seiva lhes escorre como a coleta da água das folhas de videira. Colocam um recipiente em sua base e este se enche em uma hora<sup>31</sup>. O líquido então é bebido como vinho, da qual a abundância é grande, e é de muito agradável sabor. Pode ser branco ou tinto, tal qual o vinho. Nesta região há uma grande abundância de nozes das Índias, e são das melhores que existem. Os habitantes desta província são todos indiferentes quanto ao uso da carne como alimento.</p> <p><sup>32</sup>No reino de Dragoiam, as pessoas adoram os ídolos, possuem seu próprio rei e falam sua própria língua, seus homens são muito selvagens. Quando alguém padece de moléstia, consultam seus magos e</p>	<p>um pé, de forma que uma seiva licorosa escorre dela e se assenta em um saco feito de folhas. Deixam este saco descansando por quinze dias no sol e, findado este período, uma farinha se formou a partir deste licor; então a colocam por mais dois dias na água do mar, a lavam na água doce, e dela fazem a melhor massa do mundo. Desta massa fazem o que querem, como tortas ou pães deliciosos. E eu, frade Odorico, os comi, e os vi com meus próprios olhos. Ao serem assados, estes pães são claros por fora, mas escuros por dentro.</p> <p><sup>41</sup>Partindo desta ilha e indo na direção Sul, cheguei a uma ilha que me foi apresentada como Dondin, que significa “imunda”. Nesta ilha, encontrei homens maus. Eles comem carnes cruas e todo tipo de imundice que possam encontrar. Possuem um costume muito torpe. O pai devora o filho, o filho devora o pai, e o esposo a esposa. E este é seu modo. Suponha que o pai de alguém está doente; seu filho então vai ao astrólogo e ao sacerdote e diz: histrião, comungue com nosso deus e descubra se meu pai será libertado de sua enfermidade ou se deverá morrer. Então este sacerdote e o homem cujo pai está enfermo vão até seu ídolo, que é de ouro e prata, e oram da</p>
---	---	---

<sup>30</sup> Ms. BNF fr. 2810, f. 74v, 75r. Notemos que esta frase não está presente na tradução de Polo por Pipino, ou seja, certamente Silvestri a teve acesso a pelo menos uma das versões vernáculas, contrariando a tese de Motesdoca Medina (2000: lxxv.) de que o autor se baseara unicamente na redação latina.

<sup>31</sup> “Em um dia e uma noite”, na versão vernácula. Idem.

<sup>32</sup> *Milion, De regno dragoiam*: 163.

<sup>41</sup> *Relatio*, cap. 26, *De Insula Dondin et ejus consuetudinibus turpissinus*.

<p>alguém está gravemente doente, chamam seus adivinhos e feiticeiros e perguntam-lhes se esta pessoa irá se curar. Caso digam que irá morrer, apertam um pano sobre seu rosto até que morra. Picam sua carne e a cozinham, é então comido por parentes e amigos, pois dizem que é melhor [isso] que nele nasçam vermes e que morram de fome, e a alma dos finados sofreria uma pena por isso; mas os ossos escondem em cavernas. Assombrosos e horríveis são estes feitos, e não acreditaria apenas neste relato se não tivesse lido Júlio Solino. Ele diz que muitos na Índia são entregues aos seus pais e parentes antes que sejam consumidos pela idade ou por moléstia, e estes fazem um <b>banquete</b> com as vísceras das vítimas oferecidas, e não consideram isso um crime, mas um ato piedoso. Há também aqueles que quando se acometem de doença vão para um lugar secreto, esperando a morte sem ansiedade. Também neste reino, se um cavaleiro é capturado e não puder pagar o resgate, o matam e comem.</p> <p>O reino de Lambri é rico em aromáticos [especiarias], com abundância de <i>bircos</i><sup>21</sup>, que são arrancados e plantados em outros lugares, onde se desenvolvem depois de três</p>	<p>encantadores, perguntando se irá se recuperar. Se disserem que o enfermo não sanará, convocam todos, levam um pano à boca do enfermo e o matam sufocado. Seus parentes cortam sua carne, a cozinham, e a comem, todos reunidos. Dizem assim que a carne não apodrece, impedindo que os vermes cresçam nela, evitando penas gravíssimas à alma do finado. Ocultam os ossos em cavernas, para que nenhuma besta ou homem toque deles. Quando os homens desta região tomam um forasteiro como prisioneiro, se não os trocam por dinheiro, o comem.</p> <p><sup>33</sup>Partindo desse reino você chega a outro chamado Lambri, onde abundam os aromáticos [especiarias]. Eles também possuem <i>birci</i> [pau-brasil] em muitíssima quantidade, e que antes de crescerem, [suas mudas] podem ser transplantados para outro lugar, ficando até três anos fora do solo. Trouxe uma leva destas mudas para Veneza, mas não vingaram, pois necessitam de uma região muito quente [para tanto]. Os deste reino são idólatras. Aqui há muitos homens que possuem caudas como a de cães, com um palmo de comprimento. Estes homens não são das cidades, mas habitam as montanhas. Aqui existem unicórnios e muitos</p>	<p>seguinte forma: Senhor, tu és nosso Deus, o Deus que adoramos, responda a pergunta que te fazemos. Este homem está muito fraco, por isso te perguntamos se ele será curado desta doença ou merece morrer para se libertar. E o <b>demônio, através do ídolo</b>, responde dizendo: O teu pai não morrerá, e deve ser livrado deste sofrimento. Você deve fazer o seguinte para que ele recupere. E então o filho retorna para o pai, e o cuida como o demônio ensinou, até que esteja completamente curado. Mas se o demônio diz que o pai deve morrer, então o sacerdote coloca um pano sobre sua boca até que sufoque e morra. E, depois de matá-lo desta forma, o cortam em pedaços e convidam todos seus amigos e parentes para que venham comê-lo com ele, e eles o comem, com cânticos, e libações. Mas eles guardam seus ossos e os enterram com grande solenidade. E aqueles que não são convidados para o <b>banquete</b> se sentem profundamente ofendidos. Eu os repreendi profundamente por agirem assim, e os perguntei por que faziam estes atos que contrariam qualquer racionalidade. Eles me responderam que o fazem para que o morto não seja comido pelos vermes, pois se os vermes comerem sua carne sua alma</p>
---	--	--

<sup>21</sup> Yule (1913: 267) acredita que esta expressão seja uma referência ao pau-brasil. Entretanto, esta é mais uma ocorrência de vegetais em crônicas latinas de origem duvidosa, uma vez que o *Caesalpinia echinata* é nativo da Mata Atlântica brasileira. A situação se torna ainda mais confusa ao analisarmos as informações trazidas por Malou Von Muralt (2006: 193), que faz um quadro das árvores utilizadas na tinturaria para a obtenção da cor vermelha, mas nenhum dos nomes levantados se assemelha ao *bircos*: Veneziano: *verçí*. Italiano: *verzino*. Francês provençal: *berzil, brésilh*. Espanhol: *brasil, palo de brasil*. Alemão: *Presilienholz, Prissiligholz*. Inglês: *brasilwood*.

<sup>33</sup>Milion, *De regno Lambri*: 164.

<p>anos. Marco assegura que levou para Veneza um lote destas árvores, que não vingaram depois de plantadas por exigirem uma terra mais quente. Disse [também] que aqui os homens nascem com uma cauda de um palmo de comprimento. Este reino tem unicórnios e muitos outros animais. A cânfora do reino de Fraunfur é a mais nobre, pois de sua casca faz-se um leite e uma refeição deliciosa da farinha coletada desta árvore. Não têm vinho, mas fazem um suco da árvore, como dito acima.</p>	<p>outros tipos de animais.</p> <p><sup>34</sup>Partindo de lá você chega a um reino chamado Fasur. Aqui nasce a melhor cânfora que se pode encontrar, e seu peso é [de valor] equivalente ao ouro. Fazem pão de arroz, já que carecem de trigo. Não lhes falta leite, e o usam com abundância. Eles têm vinho de árvore, da mesma forma que fazem em Samar. Nesta região existem muitas árvores grossas cuja casca é ralada fina e usada como a sêmola. Dela fazem os mais variados pratos, e eu, Marco, os comi. Disse-lhes que não visitei os dois outros reinos, então não falarei nada sobre eles.</p>	<p>sofrerá grandes dores, e o comemos para que seu espírito não sofra. E tentei ao máximo que desistissem disso, mas não havia o que eu dissesse que fizesse com que desistissem deste rito.</p>
---	---	--

---

<sup>34</sup>Milion, *De regno Fasur*: 165.

Referências bibliográficas:

BOCCACCIO, Giovanni. *Iohannis Bocatiiliber de montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus et ultimo de nominibusmaris*. Ms. BnF, NAL 133. Disponível eletronicamente no endereço <http://gallica.BnF.fr/ark:/12148/btv1b52503850g.r> em 06/08/12.

BOULOUX, Nathalie. *Culture et saviors geographiques en Italie au XIVE siècle*. Turnhout: Brepols, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

FERRARI, Fernando Ponzi. *As várias viagens de Odorico: Produção e assimilação de uma narrativa de viagem do século XIV*. Dissertação de mestrado em História defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

GUÉRET-LAFERTÉ, Michèle. *Sur les Routes de L'Empire Mongol: Ordre et rethorique des relations de Voyage aux XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1994.

MEDINA, José Manuel Montesdeoca (ed. trad.). *Los islarios de la época del humanismo: El De Insulis de Domenico Silvestri. Edición y traducción*. Tese de doutorado pela Universidad de La Laguna, Departamento de Filología Clásica y Árabe, 2000. Disponível no endereço eletrônico <ftp://tesis.bbtk.ull.es/ccssyhum/cs103.pdf> em 21/10/14.

MURALT, Malou von. "A árvore que se tornou país". In: *Revista USP*, São Paulo, nº 71, pp. 171-198, setembro/novembro de 2006.

PRASEK, Justin V. (ed.). *Pavlova z Benatek Milion*. Praga: Ceske Akademie Cisare Frantiska, 1902. Disponível no endereço eletrônico <https://archive.org/details/markapavlovazbe00prgoogem> 12/02/12.

VAN DUZER, Chet. "From Odysseus to Robinson Crusoe: A Survey of Early Western Island Literature". In: *Island Studies Journal*, vol. 1, nº 1. University of Prince Edward Island, 2006, p: 143-62.

VAN HALEN, Angela; WARD, Joseph: *Making Space Public in Early Modern Europe: Geography, Performance, Privacy*. Londres: Routledge, 2013.

YULE, Henry (trad.); CORDIER, Henri (ed. rev.). *Cathay and the Way Thither*. Vol. 1 a 4. Londres: Hakluyt Society, 1913-14. Disponível no endereço eletrônico <https://archive.org/details/cathayandwaythi00odorgoog> em 12/02/12.